

O ESPORTE NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA SOCIABILIDADE

Diogo Castro¹

Resumo

O propósito deste trabalho foi entender as críticas feitas ao esporte como reprodutor das relações sociais capitalistas e suas possibilidades para além do capital. Para isso, usamos uma metodologia de, partindo da construção histórica do esporte e tentando visualizar como ele se desenvolve no atual período do capitalismo, ousar imaginar como ele pode ser daqui para frente. Utilizamos uma argumentação que propõe o esporte como um todo, um conjunto de relações de poder, inseridas em circunstâncias históricas e sociais. Por isso, este trabalho pode contribuir, mesmo que em pequena medida, para um debate importante, e mais ainda, para a construção de outras relações entre os seres humanos e o esporte, potencializando o conjunto de outras relações sociais.

Palavras-Chave: *Sociabilidade; esporte e espetáculo.*

É importante ressaltar que o esporte não é algo que sempre existiu. Pode parecer óbvio afirmar isto, porém é importante lembrar que as coisas são históricas, sobretudo neste período que vivemos, um momento de ampla naturalização de tudo que é histórico. O esporte moderno originou-se em meados do século XVIII na Inglaterra, que passava por um grande processo de industrialização, após a revolução industrial. Foi neste período que a lógica do capitalismo industrial foi avançando para outras esferas da vida social. O esporte era patrocinado pela aristocracia inglesa, que organizava jogos populares com recompensas. A lógica de luta contra o tempo, a busca pela mensuração do tempo e da velocidade, a comparação entre estas marcas, também foi caricaturando o esporte moderno, conjuntamente com o conceito de recorde, que como mostraremos, foi um diferencial.

A difusão do esporte também está relacionada a um elemento de grande importância, que foi originado pelo desenvolvimento produtivo capitalista; o ócio e tempo livre², como tempo de não trabalho produtivo. Além das jornadas de dez, doze horas por dia de trabalho produtivo, restavam algumas horas além do tempo de sono. Logo estas relações para além dos muros da fábrica, de tempo de não trabalho, também se mercantilizaram. O conceito de lazer deriva daí, de um tempo de não trabalho que visa recuperar as forças produtivas. Assim, o esporte se difunde como alternativa de lazer, como um meio de recuperação e de distração para os trabalhadores, e surgem as primeiras associações esportivas dos trabalhadores.

¹ Licenciado em Educação Física, Faculdade de Educação Física e Esportes, Universidade de São Paulo.

² Diferimos aqui, o conceito de lazer e o conceito de tempo livre, que abarca o de ócio. Em alemão, tempo livre e ócio tem uma mesma palavra para definir-los. Entendemos que o ócio, ou seja, nada fazer de trabalho humano, é uma das possibilidades do tempo livre, que é o tempo liberado do trabalho assalariado, mas que pode ter trabalho criativo. Como um médico, que em seu tempo livre, não trabalha com a medicina, mas sim pinta quadros. Já o lazer define-se como tempo de recuperação das forças produtivas para o trabalho assalariado capitalista. Cumpre a função social de educar e domesticar, enquanto recupera a mão de obra. Por isso, a indústria do entretenimento pensa o lazer com tanta prioridade. Porque se pode consumir, este tempo também, do trabalhador. E torná-lo um consumidor do lazer, da busca de sentido fora do mundo do trabalho. A indústria do entretenimento já é a terceira maior, atrás da bélica e a energética, e o esporte tem papel importante neste “mercado”.

Assim que o esporte começou a ser mercadoria cultural, fruto da indústria cultural passou a ser usado no mercado internacional como difusor dos valores e práticas, como competição e concorrência entre as nações e as pessoas. Serviu também, via meios de comunicação de massa, como formador de uma ideologia cosmopolita. Mas em contrapartida, contribuiu como um elo civilizatório ao propiciar aos trabalhadores momentos de criação e prazer.

Portanto, se quisermos visualizarmos esta diferença entre o esporte moderno e o esporte nas sociedades com modo de produção asiático, escravista ou feudal, temos que ter por base o eixo das relações do ser humano com o tempo e, sendo assim, a noção de recorde. Na Antiguidade tratava-se o esporte juntamente com o religioso, já que eram nas festas, cerimônias e atividades religiosas que se davam as práticas culturais esportivas. Os conceitos gregos que tudo era metafisicamente finito, da busca pelo belo, da impossibilidade de ascensão social, do adversário como real e presente no momento e, sobretudo, do valor de uso que tinha o corpo humano, dão lugar no esporte moderno aos conceitos de busca pelo progresso ilimitado e infinito, em atingir e bater recordes, como marcas mensuráveis e abstratas, e do corpo como máquina de rendimento, na fluidez e velocidade das práticas e relações, em uma competição laica que se dá em todo momento e em todo lugar, agregada ao valor de troca que assume o corpo humano.

Assim, a ideologia capitalista desempenha papel central no entendimento da construção do esporte moderno. A idéia de indivíduos considerados iguais a priori, se enfrentarem e disputarem é algo só possível no sistema capitalista. Isto não poderia ser possível no feudalismo, quando as classes eram bem divididas. A ideologia de que há condições iguais, pelo menos juridicamente, permeia esta idéia de mobilidade social. Como afirma Brohm, citando Bouet, (1982, p. 79) a redução progressiva (mas não terminada ainda) da diferenciação dos esportes da elite e o esporte dos trabalhadores são fruto e semente desta concepção ideológica. Bouet afirma o caráter contraditório do esporte, que permite avanços civilizatórios (assim como a ciência e a arte) como a não distinção de natureza racial, de gênero e social, com tendência de democratização ao conjunto dos seres humanos. Mas permite também sua faceta imperialista e reprodutiva do todo das relações dominantes em uma determinada sociedade.

Por isso entendemos que o esporte contribui para reprodução das relações sociais dominantes, sendo utilizado como mantenedor da situação. Mas poderia, e poderá ser diferente.

Se uma destas críticas é exatamente a relação de reprodução deste tempo quantidade (velocidade) como fator que orienta as relações entre os seres humanos e o mundo no capitalismo, assim como os elementos competição e concorrência, partiremos dela para tentar configurar o que, de fato, há de capitalista neste uso do esporte e o que há, portanto, de ser superado.

A busca pelo recorde, acima da ética, acima de tudo e de todos, explicita a lógica da concorrência. O fim justifica os meios. Assim, a alienação neste processo de competição esportiva (seja na final das Olimpíadas ou numa ‘pelada’ de bairro), faz com que os sujeitos mais coerentes nas relações humanas, se ‘transformem’ em antiéticos, desumanos, dentro do esporte (seja por lazer ou por trabalho profissional). Este processo de alienação é sim capitalista. Mas não é somente no esporte que se dá, nem por conta dele. Vemos, então, que a busca pela superação, pelo recorde, se transforma na busca pelo mais-recorde (mais-produção ou sobreprodução, no mundo do mais-trabalho - como superexploração do trabalho humano - e da mais-valia) e se dá

como elemento da reprodução do capitalismo em todos os outros momentos (tempos e territórios) do capitalismo também. Não é, assim, característica específica do esporte.

Competição e cooperação, não são um ou outro, conceitos separados, nem em detrimento um do outro. Penso ambos estarem presentes em todos os momentos que, embora divididos pelo mundo das imagens espetaculares, na realidade contém os dois elementos. Em uma situação de competição clara, há também cooperação. E vice-versa. Competição não é necessariamente algo a ser superado, dentro de um jogo, com território e tempo, além de regras e contexto, definidos. Na vida sim, a competição entre seres humanos não faz mais sentido, dada as condições históricas. Mas em jogos e brincadeiras (e também no esporte), a competição pode ser elemento para a construção de uma outra sociabilidade. Queremos reafirmar que no nosso entendimento, competição não é necessariamente um elemento do capitalismo. A concorrência entre pessoas, marcas, empresas, estados, etc. - estas sim são características deste sistema. A competição esportiva pode ou não conter elementos de reprodução das relações capitalistas. São conceitos diferentes os de competição esportiva e concorrência capitalista. Por isso, a competição, do e no esporte, pode ser ‘não-capitalista’.

Outra crítica do atual esporte se dá pelo fato dos assalariados do esporte (de atletas a massagistas, passando por jornalistas esportivos, técnicos, preparadores físicos e fisiologistas do exercício) pensar, como pensam algumas categorias de artistas, serem uma classe em si, separada dos trabalhadores. Não há os donos dos passes e clubes de um lado, os massagistas e roupeiros de outro e um terceiro grupo que são os esportistas. Os atletas são funcionários do clube ou empregados do empresário que detém o passe ou direitos federativos do jogador. Portanto, são trabalhadores como os outros. Nesse fenômeno fica claro que o problema está nesta divisão social do trabalho. Mas pode não se dar assim. Podemos nos organizar de forma diferente. E assim como os artistas, pensam que são ‘estrelas’, porque os meios de comunicação os projetam como tal, para cumprirem uma função social de manutenção desta sociedade, um processo de construção de consensos. Funcionam como veículos publicitários, como autoridades para reproduzir discursos oficiais e como mitos ou heróis (e mesmo em esportes coletivos são indivíduos que se destacam) em um processo de dramatização do esporte. E os trabalhadores que não são artistas nem esportistas, enxergam nestes, suas potencialidades e se projetam. Reich afirmava que homens que nunca saem do cotidiano torcem por proezas que nunca vão realizar, e se identificam nelas.

Uma grande mentira sobre o esporte é a que diz ser, o esporte, saúde. Na verdade, de saúde, o esporte, do jeito que está construído, não tem nada. Na verdade o que temos são lesões e uma atividade meramente profissional que perdeu seu sentido para o esportista. Salientamos que esta (sobre) exploração do trabalhador do esporte somente se dá porque ele é um trabalhador alienado de seu trabalho, explorado, como todos demais neste sistema. No esporte ‘não de alto nível’, ou do lazer, o trabalhador de outro ramo (não do esporte) pode fazer aquela atividade com outra relação. E este trabalhador é explorado e tem seu trabalho alienado em outra área econômica. Então parte do problema está na relação capitalista com o esporte de alto nível, do esporte como trabalho assalariado. Se ele for trabalho criativo não capitalista ele pode ser (ainda de alto nível) não alienado, doentio, etc. Ele pode ser ascese.

Porém, não se tem atividade criativa e criadora quando se organiza um esporte espetacular, ou seja, no campo das relações sociais do espetáculo.

Por isso usamos neste texto o conceito de espetáculo. O espetáculo é a forma que as relações sociais assumem, ao serem mediadas pelas imagens. A abstração, a

representação de uma parte do mundo pelo, e para, o todo do mundo, formando “multidões solitárias”, uma imensa maioria passiva diante do sistema espetacular.

Pelo processo de circulação e revalorização do capital, o esporte não se difere de qualquer outra atividade mercantil. Além de reproduzir relações capitalistas, o esporte fixa modelos de comportamento, assim como a arte. Na fase atual do capitalismo, de controle, neoliberal e espetacular, tanto a idéia de saúde quanto a de juventude são estratégicas para entendermos como se dá esta hegemonia capitalista. A ONU, após realizar uma pesquisa, apontou que os atletas e artistas são as pessoas cuja opinião e atitude tem mais valor e importância no mundo. Não são políticos, diplomatas ou presidentes. São artistas (Britney Spears, por exemplo) e esportistas (Ronaldinho, outro exemplo bem famoso). Assim, para passar mensagens, fabricar discursos e ditar comportamentos, a ONU (Organização das Nações Unidas) escolheu como seus embaixadores estas figuras, artísticas e esportivas

“O espetáculo é o discurso ininterrupto que a ordem atual faz a respeito de si mesma, seu monólogo (...) é o auto-retrato do poder na época de sua gestão totalitária das condições de existência. (...) Mas o espetáculo não é o produto necessário do desenvolvimento técnico, visto como desenvolvimento natural. Ao contrário, a sociedade do espetáculo é a forma que escolhe seu próprio conteúdo técnico.” (Debord 1997, p. 20). É através, principalmente, dos meios de comunicação de massa, que se acumula a administração do sistema, “... produto da divisão do trabalho social e órgão da dominação de classe.” (Debord 1997, p. 21) “O espetáculo moderno expressa o que a sociedade pode fazer, mas nessa expressão o permitido opõe-se de todo ao possível.” (Debord 1997, p. 21).

Assumem, então, a forma de vedetes, ou seja, “representação espetacular do homem vivo” (Debord 1997, p. 40), estes que representam tipos variados e possíveis de estilos e modos de vida, de “... compreensão do mundo, livres para agir globalmente.” (Debord 1997, p. 40). São as vedetes que “... encarnam o resultado inacessível do trabalho social, imitando subprodutos deste trabalho que são magicamente transferidos acima dele como sua finalidade: o poder e as férias, a decisão e o consumo que estão no início e no fim de um processo indiscutido.” (Debord 1997, p. 40).

“O espetáculo é o capital em tal grau de acumulação que se torna imagem.” Imagem, que na ideologia do espetáculo, cultua o corpo perfeito, jovem e saudável, vale e vende, produzindo consensos, além de unificar separando.

Como afirma Marx no livro *A Miséria da Filosofia*, “o tempo é tudo, o homem não é nada: no máximo, ele é a carcaça do tempo” (Debord 1997, p.103). E o espetáculo é “a inversão completa do tempo como ‘campo de desenvolvimento humano’” (Debord 1997, p.103). O tempo intercambiável, como quantidade de troca, como mercadoria, se espetacularizou, ou seja, assumiu a forma fluida, abstrata e irreal. Deixa de ser o tempo dos homens para ser o tempo das coisas. Obedece este, as leis das mercadorias, e não os ritmos humanos e da natureza. Trata-se, no espetáculo, de eliminar o tempo socialmente vivido, e transformá-lo no tempo irreversível unificado. “O tempo irreversível unificou-se mundialmente. A história universal torna-se uma realidade porque o mundo inteiro está reunido sob o desenvolvimento deste tempo... O tempo irreversível unificado é o mercado mundial... o espetáculo mundial” (Debord 1997, p.101). O tempo geral da sociedade significa, na sociedade do espetáculo, um tempo particular e consumível.

É por isso que entendo que não há como separar, nesta sociedade, esporte espetáculo e demais formas que pode assumir o esporte (seja educacional, para e no

lazer, seja de alto-nível). Todos assumem a forma espetacular nas suas relações humanas e sociais. E apenas a superação da forma espetacular pode assegurar outra relação no e com o esporte, por parte da humanidade.

Deste modo, entendemos o esporte espetáculo como todo trabalho alienado, que inclusive no lazer e em práticas educacionais, tem como lógica, do tempo e das relações humanas e sociais, a lógica do espetáculo, onde o ser humano perde não se reconhece na própria atividade. Portanto, se desumaniza. Mas assim como é possível, e necessário, esta libertação de todo trabalho humano alienado, a vislumbramos também no esporte.

“Muito falamos hoje nos progressos e nas promessas da engenharia genética, que conduziram a uma mutação do homem biológico, algo que ainda é domínio da história da ciência e da técnica. Pouco, no entanto, se faladas condições, também hoje presentes, que podem assegurar uma mutação filosófica do homem, capaz de atribuir um novo sentido à existência de cada pessoa e, também, do planeta.” (Santos, 2003)

Neste momento tratamos de imaginar, de ousar pensar o esporte a partir de outras relações sociais, outras relações de poder. Partimos do entendimento que o esporte não surgiu em outros períodos históricos, mas sim na Idade Moderna, mais precisamente no capitalismo europeu. Sendo assim, vislumbrar possibilidades futuras de relações para o esporte significa dizer que entendemos ser possível esporte para além do capitalismo. Afirmamos isso porque não imaginamos haver um ‘núcleo duro’ que caracterize o esporte como necessariamente capitalista. Entendemos sim, que no atual momento histórico, as formas dominantes de relação com o esporte são capitalistas, isto é reproduzem o sistema hegemônico no qual estão colocadas.

Existem críticas de várias matrizes epistemológicas ao esporte. Mas grande parte delas ou não entende como possível um esporte para além do capitalismo ou somente entende o esporte como elemento do lazer, como uma alternativa possível dentro do estado de coisas atual. Aqui creio que incorrem em uma separação que é falsa: Esporte rendimento/ alto-nível e esporte lazer. Ambos são hoje regradados pela lógica mercantil do espetáculo, mas podem ser de outro jeito.

Abrem-se, então, novas perspectivas de entendermos e nos relacionarmos com o esporte que não reproduzam as relações de produção capitalistas.

Não aprofundaremos neste texto, mas não entendemos que as experiências ditas do ‘socialismo real’ puderam mudar este eixo de reprodução de relações, principalmente neste debate que tange a questão esportiva.

Trata-se de vislumbrar novas relações de poder, na sociedade e, portanto, também no esporte. Que avancem no entendimento de esporte e, principalmente, avancem nas práticas de novas relações humanas.

Ousemos comparar ao trabalho de um artista. Ao querer melhorar sua obra deve trabalhar muito para isso. Um bom pintor deve dominar técnicas específicas. O que não significa que necessariamente tenha que se ausentar do todo dos processos produtivos e de trabalho criativo do restante dos trabalhadores. Deve-se superar a divisão social do trabalho, já que falamos de um movimento de superação da sociedade do capital. Mas isso não significa o fim da especialização (no domínio da técnica, da ciência e da informação), no sentido de que não é ela que, necessariamente aliena, e sim a relação alienada e alienadora com o trabalho. Isso quer dizer que é bons termos pintores de grande qualidade técnica, assim como trabalhadores do esporte, da medicina, etc, todos com ótimo domínio específico (e também do todo) do seu trabalho.

Mas não se subentende a reprodução da divisão entre trabalho intelectual e trabalho manual, nem as demais facetas da divisão social do trabalho capitalista.

Por isso, ao imaginar a possibilidade de uma sociedade em que o tempo não seja guiado pela lógica do capital, onde se trabalhe pouco e sobre muito do dia para “desenvolver as humanidades”, entendidas como tocar um ou mais instrumentos, dançar, jogar, ler, criar, etc., de modo a se desenvolver uma gama ampla de habilidades, de trabalhos criativos, por muitos chamados de humanidades³, imaginamos também um novo papel jogado pelo esporte.

Refutamos, então, este que é um dos principais argumentos da crítica ao esporte, entendido como necessariamente capitalista. Queremos ampliar as possibilidades criativas humanas, mas isso não significa o fim do desenvolvimento técnico de alto-nível, ou que busque rendimento, não no sentido capitalista, mas sim no sentido de ‘colher os frutos do plantio’, ver os resultados do trabalho humano criativo. É buscar o sentido concreto (e subjetivo) do trabalho criativo.

O rumo deste esporte como parte de um novo processo de sociabilidade, passam também pela fusão entre razão e emoção (que foram historicamente separados).

O esporte é apenas mais um dos muitos campos de hegemonia do sistema social do capital. E, portanto, não podemos analisá-lo de maneira fragmentada.

Esse poder de ter efeitos que sobrevivem na cotidianidade dos outros o esporte também tem. E é por isso que entendemos o esporte como um trabalho artístico e científico, ou seja, ele tem elementos das artes (como entender um jogador de basquete que tenta uma enterrada de costas quando poderia fazer a cesta de maneira mais fácil- o que está por trás disso se não uma busca artística, estética?) e elementos da ciência. (o estudo sobre as possibilidades de se atingir a melhor condição, situação para um jogo - seja física, psíquica, tática; seja individual, seja coletivo – com o treinamento esportivo). A criatividade artística é fundida ao treinamento, isto é, trabalho humano artístico e científico. Com elementos de arte e de ciência, o esporte se mostra uma possibilidade do trabalho criativo. Arte e ciência são trabalhos criativos.

Heller (2000) avança dizendo que a vida de muitos seres humanos chega ao fim sem que haja, uma só vez, este momento de supressão da reprodução do cotidiano, com avanços rumo ao humano genérico, ou seja, a práxis de novas relações humanas. Ela diz que a este caminho rumo ao humano genérico se dá naqueles indivíduos, em caso singular, “... cuja paixão dominante se orienta para o humano genérico e, ademais, quando tem a capacidade de realizar tal paixão. Este é o caso dos grandes e exemplares... revolucionários, dos artistas e dos cientistas (...) não apenas sua paixão principal, mas também seu trabalho principal, sua atividade básica, promove a elevação ao humano-genérico e a implicam em si mesmos. Por isso, para tais pessoas... é elemento necessário de sua essência, da atividade básica de suas vidas.” (Heller 2000, p. 29). Ou seja, ao entendermos esporte como arte e ciência, enxergamos as potencialidades do esporte, de existir com outras relações humanas e sociais. Assim

³ Não se pode aqui imaginar também que cada um dominará muito bem todos os instrumentos musicais, todos os jogos, todos os autores e poetas, etc. Há um imaginário do porvir que idealiza o novo homem e a nova mulher, acabando com a divisão social do trabalho e com a especificidade de cada trabalho (criação) também. Não imaginamos ser possível tocar bem todos os instrumentos, por exemplo. O que não quer dizer que quem domina muito bem (seja por preferência ou outro motivo sócio-cultural- já que não será pelo sistema de organização social dividido em classes) um instrumento de sopro, por exemplo, esteja alienado e reproduzindo a divisão social do trabalho.

como a ciência capitalista e como a arte capitalista, que se reproduzem na esfera do capital, o esporte espetáculo (seja ele de lazer, seja de rendimento - ambos capitalistas, portanto) também se reproduz na esfera do capital. Mas ele pode, assim como a arte e a ciência, ser um espaço potencial na construção de relações humanas que caminhem para o que estamos chamando aqui de humano-genérico, de uma nova sociabilidade.

Nesta nova sociabilidade, o trabalho será liberdade e criação, se transformará em ‘principal necessidade da vida’, deixando de ser ‘meio de vida’. E o esporte assumirá, então, papel fundamental na consolidação desta nova forma de organização das relações entre os seres humanos e o mundo. Um esporte libertário, humanizante, que possibilite relações de poder que tenham o cuidado de si como forma primeira.

Construímos alguns argumentos neste trabalho: primeiro que o esporte não é algo que sempre existiu. Muito menos sempre foi desse jeito. Segundo, a noção que o esporte não se divide em bom e mal, mal o de alto-nível e bom o do lazer. Todos são ‘esporte espetáculo’, portanto capitalistas. Este segundo argumento (do esporte espetáculo) trata, então, do capitalismo atual como uma sociedade do espetáculo, chamados por uns de sociedade de controle, por outros de neoliberal. Utilizamos aqui o conceito de espetáculo por conta de, no esporte, muitas críticas incorrerem em uma classificação que delimita e opõe o esporte em alto-nível, rendimento e espetáculo (todos usados como sinônimo) e o esporte como lazer. O terceiro argumento é, então, sobre o papel do tempo (livre e de trabalho) no momento atual e no cerne de todo debate. Ainda sobre a importância do domínio do tempo, Norbert Elias em seu escrito ‘Sobre o Tempo’, dizia que, surgiu na sociedade da Era Moderna nos indivíduos “um complexo fenômeno de regulação e sensibilização em relação ao tempo”, onde de fora para dentro ocorre “sobre a forma de relógios, calendários”, etc., “uma coersão que se presta ao desenvolvimento de uma auto-disciplina nos indivíduos. Esse controle, de que falava também Deleuze (1990) em seu texto, anuncia que “trata-se apenas de gerir a agonia e ocupar as pessoas”, e como ilustra Elias “exerce uma pressão relativamente discreta, comedida, uniforme, e desprovida de violência, mas que nem por isso se faz menos presente e à qual é impossível de escapar.” (Antunes 2001, p.175)

Por isso, um esporte que contribua para esta nova sociabilidade só pode ser para além do capital. Um quarto argumento é que o esporte não é qualquer atividade, tem as características da arte e da ciência. Possibilita esta emancipação do seres humanos rumo ao humano-genérico, ou seja, para além da cotidianidade e da mera reprodução de sua existência. Por fim, o quinto e último argumento é que, sendo necessária esta superação, precisamos ir construindo outras relações de poder, outras relações sociais; uma nova sociabilidade.

Concluimos que, sendo o esporte uma atividade com capacidade de elevação dos seres humanos ao humano genérico, merece um debate de como podemos reconstruí-lo. Pois, se este que está aí, espetacular, não nos serve, teremos de reinventá-lo. Mas sabemos tratar de um grande desafio, que não se põe em separado do restante dos grandes desafios colocados à nossa geração neste período histórico. Apenas com novas relações sociais, novas relações humanas, não comandadas e regradas pelo capital, e sim pelos interesses do conjunto da humanidade.

Referências Bibliográficas:

Antunes, R. *Os sentidos do trabalho*. 5a ed. São Paulo: Boitempo, 2002.

Brohm, J. M. *Sociologia Política del Deporte*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1982.

Debord, G. *A sociedade do espetáculo*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

Deleuze, G. *Post Escripsum: Sobre as Sociedades de Controle*. L' Autre Journal, Número 1, 1990 maio.

Heller, A. *O cotidiano e a História*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

Santos, M. *Por uma outra globalização*. Rio de Janeiro: Record, 2003

Grupo Temático: Esporte e Socialização